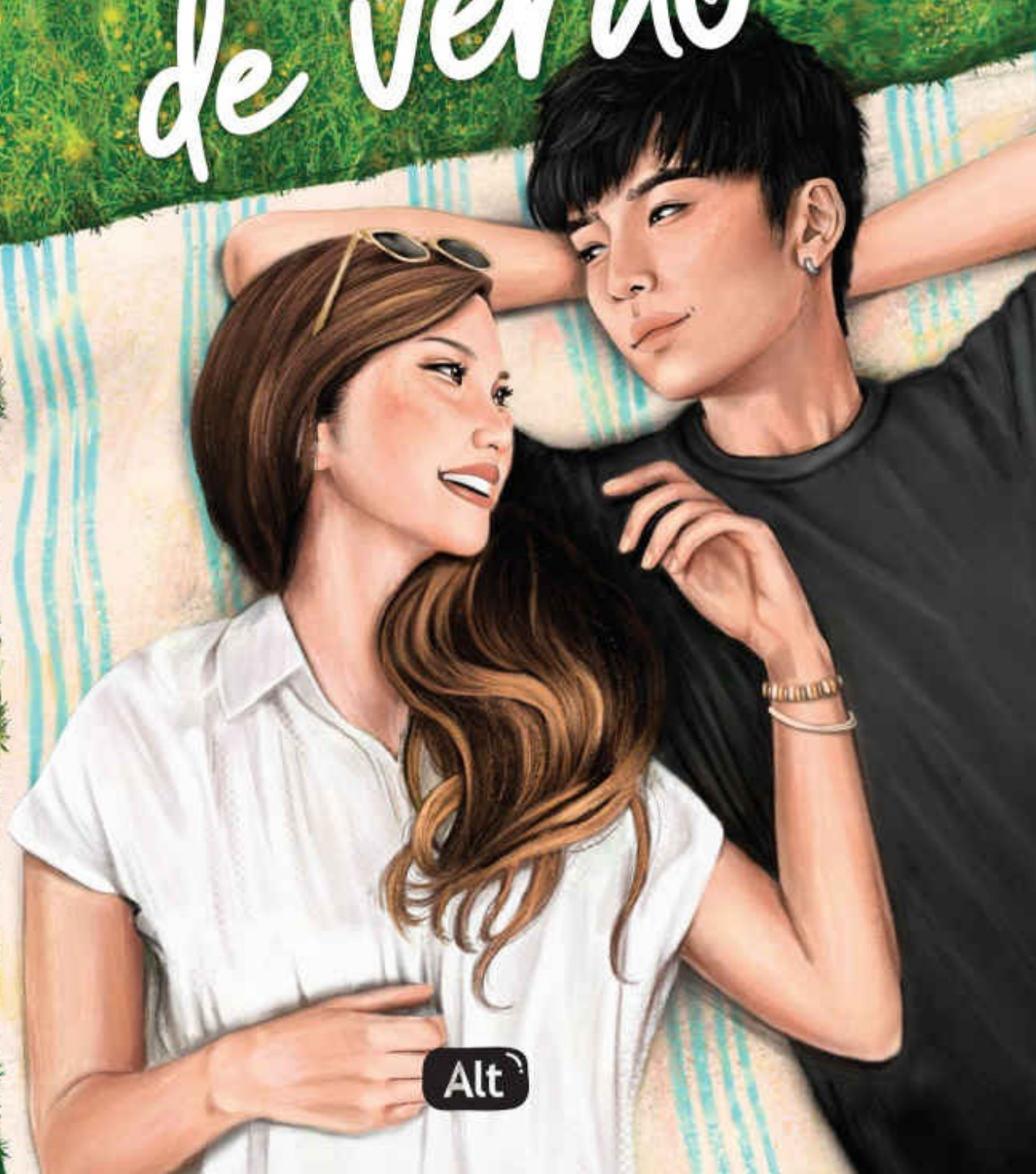
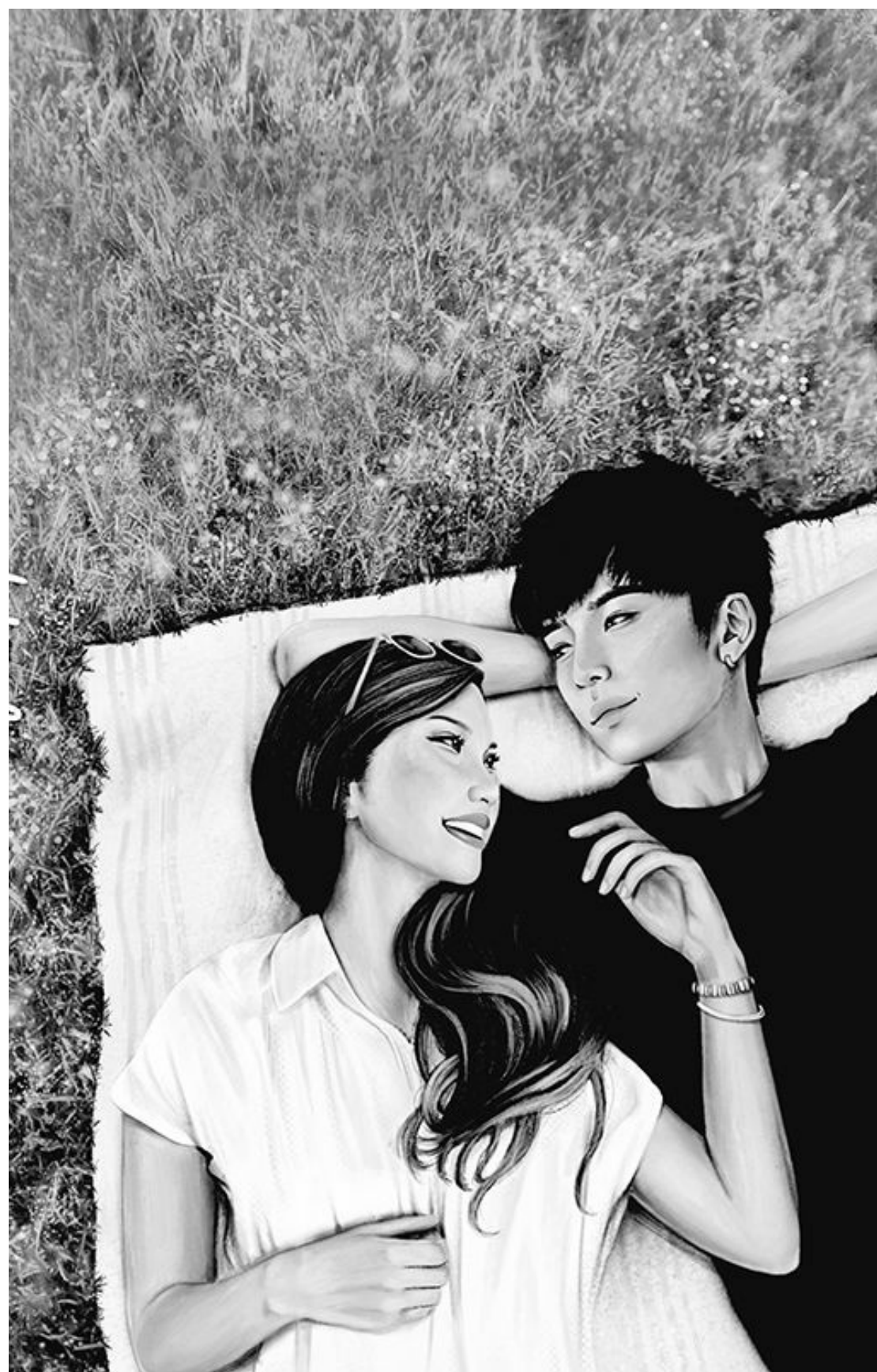


SUSAN LEE

Um drama de verão



Alt



Um drama de verão

SUSAN LEE

Tradução
Raquel Nakasone





SYLVIE ROSOKOFF

SUSAN LEE passou por diversas carreiras, de bartender a engenheira de redes e executiva de RH em uma das empresas mais bem-sucedidas da atualidade. Mas uma coisa sempre ficou clara nesse processo: ela nasceu para contar histórias. E Susan canalizou suas diversas experiências na escrita de histórias leves e peculiares sobre a muitas vezes hilária condição humana. E sobre amor. Sempre amor. Ela atualmente mora no sul da Califórnia (lutando para que a nova-iorquina que vive nela não escape tão frequentemente) com uma alcateia de três chihuahuas mal-humorados e uma obsessão fortíssima por K-pop e K-dramas.

SusanLeeWrites.com

Sumário

Pular sumário [>>>]

Dedicatória

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

Para meu pai... que sempre dizia que eu podia ser o que eu quisesse — de Miss Coreia a presidenta dos Estados Unidos. 😊

Bem, escolhi ser contadora de histórias... e espero que esteja orgulhoso. Saudades.

capítulo um

Hannah

Não há declaração de amor mais eficaz que dar batidinhas nas costas do seu namorado enquanto ele está com a cabeça enfiada no vaso sanitário, vomitando cerveja quente.

Ele solta um grunhido péssimo.

Troco as batidinhas por pequenos círculos e mando um “Calma, calma”.

Não é exatamente meu encontro dos sonhos, mas um bom lugar para se estar, considerando tudo. Comecei o ensino médio sem vínculos muito próximos, e agora estou iniciando o verão e o último ano com um namorado perfeito e um grupo de amigos decente. É engraçado como a vida pode mudar tão de repente.

Eu e Nate passamos por muita coisa juntos. Nos conhecemos no jardim de infância — ele, um pirralho grandalhão e desastrado, e eu, uma criança pequenininha e tagarela. A gente se odiava. Mas o destino dá um jeito de se manifestar quando você menos espera.

Encontrei Nate na praia no verão do ano passado, no dia seguinte à mudança da minha irmã para Boston. Eu estava particularmente sensível, e Nate foi surpreendentemente charmoso.

— Por que alguém sairia de San Diego? — ele me perguntou. — É a pior decisão de todas. O melhor jeito de se vingar de alguém que foi embora é aproveitar tudo o que a cidade tem a oferecer.

Então fomos a Carlsbad e caminhamos entre os campos de flores, algo que eu nunca tinha feito antes. Não foi cafona como eu pensei que seria. Foi legal.

E foi daí que eu soube que ele estava do meu lado. Porque, sério: *por que* alguém iria querer sair de San Diego? Nate entende. Nate *me* entende.

Uma batida na porta do banheiro faz com que ele solte outro grunhido, e um cheiro forte me atinge. Engulo em seco, contendo a ânsia e tentando evitar meu próprio fiasco.

— Estamos ocupados — grito.

Ouçõ bufadas e risadinhas do outro lado da porta.

— Hum, não do jeito que vocês estão pensando — me apresso a explicar.

A última coisa de que preciso é que a fábrica de boatos invente uma história escandalosa sobre Nate e eu no banheiro da festa de fim de ano de Jason Collins. E pode acreditar que esse cheiro não me dá vontade nenhuma de transar.

Alguém bate na porta de novo. Qual é, só tem esse banheiro na casa?

— Hannah? Está tudo bem aí?

Ah, graças a Deus, uma voz familiar. Talvez Shelly possa chamar um Uber e me ajudar a tirar Nate daqui. O problema é que ela meio que é a maior fofqueira do nosso grupo de amigos. Procuo não comentar com ela nada que eu não queira que a escola inteira fique sabendo no dia seguinte, e tenho certeza de que Nate não quer todo mundo comentando que ele deu PT. Não precisamos de Shelly postando isso e as pessoas escrevendo merdas como “Nate não sabe beber”. As pessoas podem ser bastante impiedosas na internet.

Tudo bem. Posso lidar com isso. Posso cuidar de Nate sozinha. Apesar da situação atual, não consigo evitar um sorriso. Gosto de ser a namorada confiável. Gosto de ser necessária.

— Estamos bem, Shelly. Está tudo certo. Não tem nada de interessante acontecendo aqui, obrigada — respondo. Espero que ela encontre algum outro drama por aí.

— Belezinha! Estou lá embaixo, se precisar de mim — ela diz.

Ouçõ um gemido vindo de dentro do vaso. Olho para a nuca de Nate.

— Ah, amor, você vai ficar bem? Quer que eu pegue alguma coisa? — pergunto.

— Hannah? — Ele vira a cabeça de leve e apoia a bochecha no assento.

Me esforço para não pensar em todos os germes se transferindo do trono de porcelana para sua linda face. A voz dele está fraca e seu hálito fede. Prendo o ar e evito respirar pelo nariz. Pego o pano molhado na bancada e coloco no pescoço dele, encantada com seus pelinhos loiros. O suor fez seu cabelo virar um loiro acinzentado, mas os pelinhos do pescoço são quase brancos.

Por algum motivo, meu coração amolece com esses pelinhos. Mesmo sendo um cara grande e forte, ele tem esses cabelinhos. É fofo.

— Hannah — ele me chama de novo, me trazendo de volta para o presente.

— Sim, Nate? — eu me inclino para mais perto, relutante.

— Eu... — Ele respira fundo, sem saber direito se vai vomitar mais uma vez.

— Shhh. Está tudo bem, Nate. Eu sei, amor, eu sei.

— Hannah, a gente...

A gente. Óunnn.

— Isso, somos eu e você aqui — digo.

— Eu... eu acho que a gente devia terminar — Nate declara, virando o rosto para dentro do vaso.

— Não, obrigada — respondo.

O tempo para. Meu corpo inteiro fica dormente, exceto minha barriga, que está gelada. O tapete felpudo do banheiro de repente fica áspero e pinica meus joelhos, e o espaço parece pequeno demais. É uma noite quente típica em San Diego, e a casa cheia de adolescentes majoritariamente bêbados não ajuda nada na circulação do ar. Mesmo assim, acho que não é normal suar desse jeito.

Não entre em pânico, digo a mim mesma. Fecho os olhos para fazer o mundo parar de girar.

Repito as palavras na cabeça. Não namoramos por tanto tempo assim para que ele decida terminar. Devo ter ouvido errado.

A gente devia acordar. Sim, o tempo está passando e temos que levar a vida a sério.

A gente devia brincar. Rá rá! Saquei! Boa, Nate.

A gente devia cozinhar? Opa, adoro comer. Estou dentro.

Sinto a mão grande dele envolver meu punho, me arrancando do meu pânico. Mas, quando olho nos olhos vermelhos de Nate e noto seu nariz escorrendo — tendo que me esforçar muito para não ficar encarando um pedaço de algo suspeito preso na sua bochecha —, sinto minha garganta apertar.

Não é amor que vejo ali. Muito menos raiva. É... pena.

— Nate, amor, você não está pensando direito. Você está bêbado e enjoado — explico com a voz trêmula.

— Desculpa, Hannah. Passei a noite toda tentando te falar, mas não queria te machucar — Nate diz, pontuando aquele clichê com mais um grunhido, que ressoa pelo vaso.

— Mas... você é a minha pessoa — respondo. A última palavra é quase um sussurro. Minha voz sai baixinha e patética.

— A gente pode ser amigos. Só não está dando certo — fala. Ele parece arrasado. Espero que seja porque se sente mal por partir meu coração, e não porque está com a cabeça enfiada no vaso sanitário.

— O que não está dando certo? Pensei que a gente estivesse se divertindo. Estamos aqui, nesta festa, hum... nos divertindo, não?

Olho para ele, que definitivamente não parece estar se divertindo.

— Hannah, a gente... não tem nada em comum.

— Como assim a gente não tem nada em comum? A gente tem muita coisa em comum. Somos basicamente a mesma pessoa. — Tento elaborar uma lista de todas as coisas que nós dois curtimos. Meu cérebro é um buraco negro, não funciona bem sob pressão.

— A gente não tem nada em comum mesmo. Você nem gosta das coisas que eu...

— Nós dois gostamos de *Riverdale* — interrompo-o, finalmente me lembrando de algo. Está vendo? Sabia que havia alguma coisa.

— Você odeia *Riverdale*. Você fica zoando o Archie todo episódio.

Deixo meus ombros se curvarem diante de suas palavras. Ele tem razão. Pega no flagra.

— Você odeia tomate...

E isso lá é fundamental no amor?

— ... e gatos...

É verdade. Mas não podemos concordar em discordar?

— ... e você não sabe nada de K-pop nem de dramas coreanos. Não posso nem conversar com você sobre as coisas que eu amo.

K-pop? Dramas coreanos?

Agora é minha vez de soltar um lamento. Não... Não você também, Nate. Mais um que caiu no súbito fascínio mundial por tudo o que é coreano. Parece que eu sou a única pessoa do universo que não se encantou, apesar de... *ser coreana*.

— Nate, a gente pode dar um jeito no que quer que você ache que não está dando certo.

— Hannah? — ele vira a cabeça para me olhar de novo.

Sim, que bom, ele já está se arrependendo. Assinto para mim mesma e sorrio. Vamos ficar bem.

— Nate — devolvo, confiante.

Ele arregala os olhos em pânico enquanto abre a boca para vomitar nas minhas sandálias.

Prendo o celular entre o pescoço e o queixo para poder lambe o chocolate do indicador e do dedão. Comi um Toblerone inteiro, começando pelo topo e dando mordidas do tamanho exato de cada pedaço, segurando o mesmo lugar na base para que a quantidade certa de chocolate derretesse nos meus dedos e eu pudesse lambe tudo no final. Consumo estratégico para curar um coração partido.

— Eu podia levar um pé na bunda na frente dos armários da escola ou no estacionamento de uma lanchonete, como todo mundo. Mas não, eu tinha que receber um banho de pedaços de nuggets nadando em cerveja choca nos pés. Ótimo.

Shelly fica quieta do outro lado da linha. Provavelmente está vomitando só de pensar.

— Desde quando não gostar do mesmo tipo de música é motivo pra terminar com alguém? — pergunto.

— Nate falou pro Martin Shepherd, que falou pra Mandy Hawkins, que falou pro Jason Chen, que falou pra mim que, quando ele te perguntou quem era sua *bias*, você disse que tinha *fobia* de “injustiça, desigualdade e de quem preferia a Malia em vez da Sasha Obama”.

— Não sabia que Nate gostava tanto assim da Malia.

— É um termo do K-pop. — Posso até ouvir seus olhos se revirando pelo telefone. — *Bias* é seu membro favorito do grupo.

— Beleza, e como é que todo mundo sabe disso menos eu?

Pego um pacote de M&M’s com amendoim na mesinha de cabeceira. Já comi todas as outras cores e só sobraram as verdes. Um banquete de M&M’s verdes é minha receita para a cura.

— Mas é sério — ela continua, ignorando minha pergunta —, não acredito que Nate te deu um pé na bunda logo antes do verão. O que você vai fazer agora com todos os planos que vocês fizeram? Não pode fazer essas coisas sozinha.

Pé na bunda.

Sozinha.

As palavras são um tapa na cara tão forte que ainda consigo sentir o golpe. Ela está certa. Fora meu estágio, pensei que passaria todas as horas livres do dia com ele.

— Tipo o acampamento de salva-vidas. Eles não vão te reembolsar. — O comentário de Shelly fura a névoa do meu sofrimento.

Aff, acampamento de salva-vidas. Odeio o cheiro de cloro e a ideia de germes e doenças se proliferando em lugares úmidos. Mas Nate tinha um monte de planos para a gente aproveitar o “grande verão antes do nosso último ano”, nosso primeiro como casal. E ele meio que me deixou empolgada com tudo. Bem, eu deveria agradecer por não ter mais que ir pra piscina. Agora que eu...

Levei um pé na bunda.

Estou sozinha.

Sem namorado. Sem planos para o verão. Sem vida. Sou um anúncio da Times Square em que se lê “patética” em luzes brilhantes e piscantes ao som de “All by Myself”, da Celine Dion.

— Talvez eu devesse falar com Nate...

— Bom, tipo, espera um ou dois dias. Deixa ele sentir saudade. Além disso, se você vai tentar reconquistar o garoto, é melhor ser estratégica — Shelly sugere.

— Reconquistar o Nate? Isso é possível? Você acha que pode dar certo?

— Claro. Posso te ajudar. Olha, tenho certeza de que Nate é Blink, MooMoo e ARMY. Ah, e ele é obcecado com Son Ye-Jin. Ele tentou convencer o clube de teatro a encenar *Pousando no Amor* no ano que vem. Então você poderia começar por aí. Se informe sobre as coisas que ele gosta, Hannah. Se ele não quer namorar você porque vocês não têm nada em comum, faça com que ele mude de ideia, sabe, tendo coisas em comum com ele.

É como se ela tivesse falado grego. E por que é que fico na defensiva por receber conselhos de Shelly Sanders? Mas talvez ela tenha razão. Talvez eu possa reconquistá-lo.

— Hum, obrigada — consigo dizer. — Tenho muito no que pensar. — E muita coisa pra pesquisar.

— Enfim, uma galera vai experimentar aquele lugar novo de sorvete na chapa, então tenho que ir.

Antes que eu feche a boca ou pergunte se posso ir junto, ela já desligou. Espera aí, será que eu também perdi meus amigos com o término?

— Tchau — falo para ninguém.

Limpo a mancha de chocolate da tela do celular com a manga do moletom e fico olhando para o tecido, pensando em lambê-lo. Quem sabe mais tarde.

Me jogo na cama.

Minha mãe entra no quarto e abre as cortinas, me cegando com a luz. Meus olhos, meus olhos!

— Certo, Hannah. Hora de levantar. Por que as cortinas estão fechadas? Está fedendo aqui dentro. Você tomou banho hoje?

— Mãe, por favor, não está vendo que quero ficar sozinha? Preciso de tempo pra me recuperar — resmungo.

— Bem, chafurdar na escuridão, se entupir de chocolate e ficar sem banho não é o melhor jeito de seguir em frente, Hannah.

— Mãe, este é o meu processo.

— Processo pra quê? Desperdiçar sua vida? Hannah, você e Nate não namoraram por tanto tempo assim. O *kimchi* que fiz ainda nem virou *igeosseo*. — É típico da minha mãe comparar a validação de um relacionamento com o tempo de fermentação do *kimchi*. — Agora, levante da cama e limpe seu quarto. Precisamos ir à igreja pra você se inscrever pra dar aula na ECF este verão.

Não é possível que minha mãe ache que, só porque Nate e eu terminamos, de repente estou livre o verão todo para dar aula para um bando de crianças escandalosas do fundamental na Escola Cristã de Férias. Eu detestava o ensino fundamental.

— Hum, não, obrigada. Não estou interessada, tenho outros planos — minto.

Tipo, eu *podia* ir ao acampamento de salva-vidas. Se bem que ver Nate exibindo seus músculos bronzeados em calções de banho, sabendo que ele não me quer, pode ser meu fim.

Só que ensinar na ECF pode ser um caminho muito mais doloroso para o meu túmulo.

— Hannah, ou você vai pra ECF, ou pro *hagwan* para se preparar para a universidade.

— Mas eu tenho estágio — digo.

Tenho usado esse estágio como desculpa para me livrar de algumas coisas. E apesar de só precisar ir uma vez por semana por apenas duas horas, como vou trabalhar diretamente com um imunologista, minha mãe acha que é basicamente uma garantia de que vou entrar na faculdade de medicina. E talvez não esteja errada.

— Você pode fazer os dois. A ECF é de manhã, e seu estágio não é só nas segundas à tarde?

Pega no flagra mais uma vez.

Enfio a cara no travesseiro.

— Vai embora, por favor — imploro.

O colchão afunda quando ela se senta ao meu lado. Sinto o leve toque de seu tapinha nas minhas costas.

— Hannah, você é muito melhor que esse garoto não cristão e americano.
— Sua voz soa estranhamente gentil.

— Você não entende, mãe.

Ele gostava de mim, quero lhe dizer. De *mim*. E agora talvez não goste mais. Eu sabia que devia ter pegado carona no trem do BTS quando todo mundo estava fazendo isso. É só que pensei que K-pop e K-dramas fossem coisas que “eles” gostavam — “eles” sendo os coreanos-coreanos, não os coreanos-americanos, muito menos os americanos-americanos. Onde é que eu estava quando a maré mudou tão de repente? Agora estou de fora. E Nate definitivamente está lá dentro.

— Sabe o que eu não entendo? Hannah, você devia estar com um garoto que goste do fato de você ser inteligente, talentosa e ter panturrilhas fortes. Você precisa de um bom garoto coreano.

Aí vamos nós.

Me sento e me preparo para mais uma tentativa dela de me arranjar um “bom garoto cristão” da nossa igreja coreana. Vai ser Timothy Chung, porque ele é perfeito e toca violino? Ou vai ser Joshua Lee, porque ele é perfeito e dirige uma BMW? Não, não, vai ser Elliot Park, porque ele é perfeito e conseguiu admissão antecipada na Universidade da Califórnia.

— Mas não vamos nos preocupar com namorados agora. Tenho ótimas notícias, e depois disso vamos pra igreja.

Espera, só isso? Sem me apresentar o currículo de nenhum novo garoto coreano? Será que é uma armadilha? Tem alguma coisa errada aqui. Me preparo para a próxima parte.

— Hum, que ótimas notícias são essas, mãe?

Viro a cabeça devagar para encará-la, franzindo as sobrancelhas para inspecionar sua expressão. Sua maquiagem está perfeita, as sobrancelhas preenchidas pelo *microblading*, sua tez apropriadamente viçosa por conta da mais recente base cushion coreana, e seus lábios de uma cor dois tons mais escura que o rosa millennial. Ela poderia ser minha irmã.

— Bem, com seu pai e sua irmã fora de casa, temos tanto espaço sobrando...

Depois que meu pai foi transferido a trabalho para Cingapura e minha irmã para Boston, a casa está cada vez mais vazia. Sem falar que parece que minha mãe passa mais tempo na igreja que aqui.

Mas sempre passamos os verões juntos. Nossos verões são em família.

— Pelo menos, eles vêm no Dia da Independência — digo, me esforçando para não terminar a frase com um ponto de interrogação.

— Claro — ela fala de um jeito pouco convincente. — Mas ainda temos espaço para convidados.

— Que convidados?

— Bem, estava falando com minha amiga outro dia...

Isso não está parecendo nada bom.

— Mãe? — digo devagar. — O que você fez?

— Adivinha quem vai vir da Coreia pra passar o verão com a gente? — ela responde, juntando as mãos.

Ah, não.

— Minha melhor amiga, a sra. Kim. E a família dela!

Não, não, não.

Solto um suspiro.

Jacob Kim.

Depois de todos esses anos.

Abro a boca para gritar de horror, mas minha mãe me agarra, me arranca da cama e me dá um abraço empolgado.

— Minha melhor amiga está vindo, trazendo seu filho maravilhoso, Jacob, e sua linda filha, Jin-Hee. Nossa casa vai se encher de risadas e alegria!

Não é como se isso aqui fosse um hospital, poxa. Eu dou risada. Eu fico alegre.

— Vou poder cozinhar comida coreana e vamos comer todos juntos — ela continua.

Assim parece que eu nunca como a comida dela. É só que não gosto de comer comida coreana em todas as refeições do dia, e ela não faz outra coisa.

Ela me solta, mas segura meus braços e me sacode. Estou mole de perplexidade e sou jogada de um lado para o outro feito uma boneca.

— Você se lembra do Jacob! Vocês dois eram inseparáveis. Melhores amigos no ensino fundamental.

Ah, eu me lembro muito bem do Jacob.

Nossas mães nunca nos deixaram esquecer que éramos amigos “desde antes de nascermos”, só porque elas eram melhores amigas e ficaram grávidas ao mesmo tempo.

Sinto um calor subindo pelo meu pescoço e um aperto no peito, mas ignoro. Parei de sentir qualquer emoção por Jacob Kim. Não vou recomeçar agora.

— É o momento perfeito para reatar a amizade que vocês tinham quando pequenos — ela fala, saudosa.

— Foi há muito tempo — comento. A gente *tinha* uma amizade. Éramos melhores amigos. Mas ele jogou tudo fora. Ele me trocou por uma vida de fama na Coreia. — Não estou interessada — garanto, me desvencilhando dela.

Suas sobrancelhas se levantam de surpresa.

— Mas é o Jacob, Jacob Kim — ela reforça. Como se repetir o nome dele de repente apagasse tudo o que ele fez.

— Legal. Mas, se ele vier aqui, é melhor que fique fora do meu caminho. Já tenho planos pro verão.

— Mas você e o Nate terminaram, você não tem mais planos. — Nossa, mãe, direto na jugular. — Você pode dar aula na Escola Cristã de Férias durante o dia, e depois pode se divertir com Jacob o resto do tempo. Vai ser um verão perfeito.

— Mãe. — Deixo meus ombros caírem e me contenho para não bater o pé. Isso não pode estar acontecendo.

— Hannah — ela fala em um tom de alerta.

Ficamos nos encarando. Não vou desviar o olhar. Isso se transformou em uma batalha. Ela não vai ganhar. Não vou desistir.

Mas eu acabo piscando.

— Enfim — ela cantarola, vitoriosa —, tenho que preparar tudo.

Ela sai assobiando uma música da igreja.

Espera aí, entrou poeira nos meus olhos! Quero uma revanche.

Posso jurar que ela desceu as escadas saltitando. Que ótimo, minha mãe tem planos para o verão muito mais empolgantes que eu.

Então tomo uma decisão. Todo mundo vai curtir o verão, fazer o que quiser. Por que eu não poderia curtir também? Dane-se a Escola Cristã de Férias. Danem-se os convidados da Coreia. E, definitivamente, dane-se Jacob Kim.

Só tenho uma coisa na cabeça agora: Operação Reconquistar Nate.

Primeiro passo: pesquisar sobre Blink, MooMoo e Son Ye-Jin.

capítulo dois

Jacob

— Não vá embora, por favor — ela choraminga, com a voz tremendo de desespero. Agarra meu braço com uma força inesperada, me impedindo de sair pela porta.

Abaixo a cabeça, sem me virar direito para olhá-la.

— Eu preciso. Preciso fazer isso por mim mesmo, pela minha família. Não quero te machucar, mas temos que terminar. — Minha voz falha, e fico surpreso com a lágrima que escorre pela minha bochecha.

— O que eu vou fazer? — ela se lamenta, em agonia, com o coração despedaçado.

Pausa dramática.

— E... corta! — o diretor diz.

O choro da mulher ainda ressoa em meu ouvido.

Sou arrancado da cena, do meu personagem, de volta ao set montado em um elegante apartamento de elite, com holofotes e janelas do chão ao teto com vista para o rio Han. Enxugo a lágrima.

— Muito bom, pessoal — o diretor fala. — Terminamos por hoje.

Uma onda de movimentação começa ao meu redor enquanto todos organizam o set. Não demoro mais tanto para voltar depois de uma cena emotiva, mas ainda fico impressionado com a habilidade das pessoas de seguirem em frente tão rápido.

— Aqui. — Dois lençinhos são colocados nas minhas mãos para que eu tire a maquiagem, seguidos de uma pilha de papel. — O carro chega em dez minutos — minha empresária, Hae-Jin, me avisa, saindo apressada atrás da coprotagonista. Se tem uma coisa que ela não sabe ser, é alegre e acolhedora.

Dou uma olhada nas páginas com o roteiro do último episódio, um breve resumo de como vai ser a segunda temporada e alguns documentos bastante sérios. Tipo a renovação do meu contrato. Ainda não consigo acreditar que teremos uma segunda temporada, o que não é muito comum na televisão coreana.

Eu gosto de atuar. Poder fazer papéis tão diferentes de mim é catártico. E gosto mais ainda do salário. Mas só de pensar em fazer uma segunda temporada com esse personagem e elenco, já fico exausto.

Vou até a janela para espiar o tamanho da multidão de hoje. Mesmo do alto do trigésimo segundo andar, posso ver — ou apenas sentir — a animação das pessoas. Tem mais gente que ontem, e o número só aumenta a cada dia que filmamos aqui.

Eu não moro neste prédio. Posso ser Kim Jin-Suk, a estrela em ascensão do K-drama e a grande aposta da SKY Entertainment, mas estou longe de ser rico o suficiente para morar na Hyundai Tower West de Gangnam. Ainda. Meu eu verdadeiro, Jacob Kim, o jovem ator que está só começando, vive com a mãe e a irmã em um apartamento de tamanho razoável, com dois quartos, em um bairro popular.

Não muito tempo atrás, a gente não sabia nem se teria um lugar para morar. Então não estou reclamando, de jeito nenhum. Fico grato por não estarmos passando fome na rua. O conhecido pânico começa a borbulhar em minhas entranhas, ameaçando crescer e me consumir, me arrastando para as sombras. Quando se vive sempre preocupado com dinheiro, é difícil se livrar dessa ansiedade. Mesmo agora.

— Hora de ir — Eddie, o funcionário da SKY designado para cuidar de mim, diz com sua voz grossa.

Ele me conduz pelo corredor e para o elevador. Descemos dois andares e, quando as portas se abrem, sou imediatamente atingido pelo aroma avassalador de jasmim. É o inconfundível perfume da coprotagonista, Shin Min-Kyung. Os pelos no meu nariz chegam a chamoscar.

Ela trocou de roupa e mudou o penteado que usava durante a filmagem. Sua maquiagem está impecável, e é como se ela tivesse saído diretamente de uma revista. A grossa camada de corretivo cobrindo a espinha que surgiu no meu queixo esta manhã começa a rachar sob a pressão de sua perfeição. Ela é deslumbrante.

E também a pessoa mais cruel que já conheci.

Ela entra no elevador com sua própria comitiva, nos empurrando para o canto. Vejo que se dignou a me lançar um mínimo olhar enquanto seus lábios se curvam de leve.

— *Annyeonghaseyo* — cumprimento-a com o honorífico, abaixando um pouco a cabeça às suas costas.

— Te falei pra parar de comer chocolate. Sua pele está um horror — ela comenta.

Descobri que é mais seguro apenas assentir e não responder quando ela está de mau humor. Conheço meu lugar. Mas, mesmo assim...

— A cena foi muito boa hoje, não achou? — pergunto.

O ar se esvai do elevador e todos desabamos no chão, sufocando até a morte. Ou pelo menos é a impressão que tenho quando ela solta um suspiro insuportável. Droga. Devia ter mantido a estratégia de sempre e ficado de boca fechada.

Ela nem me responde.

Quando as portas do elevador se abrem, somos arrastados pelo saguão e saímos pela porta da frente do prédio. A gritaria é alta, e fico momentaneamente cego com os flashes.

— MinJin! MinJin! — os fãs berram o nome do nosso *ship*.

Min-Kyung se aproxima de mim enquanto caminhamos. Ela coloca o cabelo atrás da orelha em uma atuação digna de Oscar, demonstrando timidez e modéstia. Pouso a mão em suas costas.

Quero parar para agradecer a cada um que tirou um tempo para vir me ver. É realmente muito legal que eles estejam aqui. Mas não posso. Todas as interações com os fãs têm que ser cuidadosamente preparadas. Então, em vez disso, Min-Kyung e eu sorrimos e meneamos a cabeça educadamente, cumprimentando todo o grupo, e seguimos em frente.

Enquanto esperamos o carro, Hae-Jin faz um sinal, indicando minha deixa para oferecer uma última migalha de interação aos fãs. Olho para trás, aceno para a multidão e passo os dedos pela minha franja longa, arrancando mais gritos. Observo as pessoas, dou uma piscadinha e cruzo o dedão e o indicador, fazendo um minicoração. Elas vão à loucura.

Em meio aos gritos entusiasmados, um lamento doloroso corta o ar.

— *Oppa!* Te amo! — uma garota solta, esticando a mão em uma tentativa desesperada de me tocar.

A multidão avança, ao notar que a fã chorosa chamou minha atenção. A garota da frente está sendo esmagada nas grades de proteção, e seu rosto é tomado pelo pânico. Corro até ela para tentar ajudar, afastando as pessoas. Mas meu pé fica preso entre as grades e acabo torcendo o tornozelo desajeitadamente. Faço uma careta e grito de dor.

Sinto mãos me agarrando e me levantando do chão.

— Saiam da frente! — ouço Eddie berrando, me arrancando do meio da multidão e me enfiando depressa no carro.

Ele mal fecha a porta e já estamos acelerando. Os fãs transformam-se em um borrão na janela de trás.

— O que você estava pensando? — Hae-Jin sibila para mim.

Hae-Jin está meticulosamente arrumada em seu terninho preto Armani de sempre e uma blusa de seda branca. Não há um fio de cabelo fora do lugar em seu elegante coque. No entanto, é evidente que ela está exausta.

— Estavam esmagando a garota — digo. — Desculpe. — Sou viciado em pedir desculpas. Não importa se fiz algo errado ou não.

— Você colocou todos, incluindo essa garota, em perigo — Hae-Jin diz. — E se tirassem uma foto de você com aquela careta estranha? Você conhece as regras.

Fecho os olhos e engulo o nó de irritação entalado na minha garganta. Não sei se estou mais irritado com ela ou comigo mesmo. Porque ela está certa. Conheço as regras e sei que fiz besteira. Solto um suspiro silencioso e me esforço para abafar a confusão na minha mente. E ignorar a dor no meu tornozelo.

Respiro fundo. O carro é novo, e o cheiro de couro invade meu nariz. O da minha família tinha estofados sujos, manchados e rasgados, e um leve odor azedo que nunca saía, apesar do esmero da minha mãe.

Quando cheguei à Coreia, eu era um garoto pobre e doentinho. Passei três extenuantes anos no Programa de Formação da empresa, que é basicamente um sistema para encontrar novos talentos e treinar as próximas grandes estrelas do K-pop ou do K-drama, aperfeiçoando o que os coreanos chamam de meu “encanto”. E agora sou o protagonista de *De corpo e alma*, a tão aguardada série sobre adolescentes desafortunados e apaixonados. Agora que está na Netflix, nossa audiência disparou. Somos mundialmente famosos.

Mas não posso achar que a vida está ganha. Não posso estragar tudo.

— Temos uma entrevista com uma revista alemã, e depois com a *Entertainment Weekly Canada*. Minky vai de vestido floral Gucci e depois vai trocar para o Celine lavanda. Jin-Suk vai usar o suéter vermelho da Supreme e depois a camisa branca de botões da Balenciaga. Parece que seus índices de popularidade aumentam com os norte-americanos quando você usa branco.

— Como é que vocês sabem disso? — pergunto.

É uma loucura imaginar os dados que a empresa acompanha. Acho muito doido que os fãs se importem com o que eu visto, ainda mais que me achem bonito.

Fãs. Eu tenho fãs. Eu não recebia nem um olhar antes de me mudar para a Coreia. Em San Diego, era sempre o garoto asiático nervoso, pequeno e extremamente alérgico. Quem diria que um corte tigela em um cara alto e esquelético um dia faria as garotas enlouquecerem?

— Pare de fazer perguntas idiotas. Estou cansada de trabalhar com um amador. E o que foi aquela cena que você aprontou? Por que não consegue seguir as regras? Nunca mais quero trabalhar com um ator *americano* indisciplinado de novo. — Os comentários afiados de Min-Kyung são que nem faca, acertando umas das minhas maiores inseguranças: talvez eu não seja coreano o suficiente para essa carreira.

— Minky. — O tom de Hae-Jin é de advertência. *Pare de dar showzinho e coopere.*

A verdade é que Min-Kyung não pode se dar ao luxo de ter mais um coprotagonista descontente com ela. Se nenhum ator quiser trabalhar ao seu lado, Min-Kyung não vai mais conseguir ser escalada para fazer par romântico com ninguém.

— Amanhã vamos a Busan para uma sessão de fotos com a *Vogue Korea* — Hae-Jin continua.

— Ah, legal. Acha que vamos ter tempo de dar uma volta na praia? — Sinto muita falta da praia desde que nos mudamos. — Ou na Gamcheon Culture Village? Vi umas fotos...

— Não temos tempo — Hae-Jin me interrompe.

— Não estamos de férias, estamos trabalhando — Min-Kyung fala, sem nem tentar disfarçar seu desprezo por mim.

— Desculpe — digo pela centésima vez hoje. E ainda está cedo.

Solto um suspiro, me esforçando para esconder a decepção. Nunca tenho a oportunidade de ver nem fazer nada, mesmo quando o trabalho me leva para lugares divertidos. Não fui a nenhum brinquedo do Lotte World, não vi a troca de guarda no Palácio Gyeongbokgung. Nada. Não quero soar como se estivesse em uma crise de meia-idade ou algo assim, mas sinto que minha juventude está sendo desperdiçada.

— E Jin-Suk... — A voz severa de Hae-Jin me arranca dos pensamentos, ganhando minha total atenção. — Durante as entrevistas e a sessão de fotos,

se esforce mais para demonstrar sentimentos por Minky. Nada de piadinhas nem sarcasmo. Seu afeto por ela deve ser convincente.

Preciso fazer o mundo acreditar que estou apaixonado por Min-Kyung na vida real para aumentar o engajamento emocional dos fãs com o nosso relacionamento nas telas. Quando Hae-Jin me disse que isso era esperado, tive certeza de que ela estava brincando. Mas logo me lembrei de que ela não tem senso de humor. E a ameaça em seu tom não me passou despercebida. Seja convincente ou pode perder esse trabalho, o papel na segunda temporada. Devo ser um ator incrível, se as pessoas acreditam mesmo que gosto dessa garota.

Olho para Min-Kyung, que fechou os olhos e está de fones de ouvido. Sou só um novato, e ela já está nessa há muito tempo. Será por isso que ela é tão infeliz? Quando o brilho do estrelato enfraquecer, será que vou ficar esgotado e cruel feito ela?

Não, não vou deixar isso acontecer. Este trabalho exige muito da gente, sim, mas as pessoas me reconhecem. Elas gritam meu nome. Além disso, estou pagando minhas contas. E, à essa altura da vida, é tudo o que importa.

— Bem, isso foi um desastre.

Minha irmã mais nova, Jin-Hee, leva jeito com as palavras.

— Shhhh — minha mãe tenta calá-la, como se isso já tivesse funcionado alguma vez.

Estamos todos sentados no consultório médico, esperando que ele volte com notícias.

Desde o momento em que tentei ajudar aquela fã, o dia só foi ladeira abaixo. A estilista me fez calçar botas inacreditavelmente duras, e toda vez que eu me encolhia de dor, ela dizia: “Tudo bem, são Dior”. Ao que meu tornozelo gritava de volta: “Foda-se a Dior!”

Eu mal consegui andar até o set onde daríamos as entrevistas e fiquei fazendo careta o tempo todo. Hae-Jin estava atrás da câmera 1, também fazendo cara feia — só que a dela era de fúria.

E para piorar as coisas, durante a *live* de perguntas e respostas, alguém perguntou sobre a minha vida antes do *debut*. Não faço ideia do porquê alguém ia querer saber disso, e fiquei sem palavras. Até agora.

Mas lógico que a sempre profissional Min-Kyung respondeu por mim. Ela viu uma oportunidade e a agarrou.

As pessoas caíram que nem patinhos. A audiência soltou vários “óunnn” quando ela falou que adorava trabalhar comigo e diversos “ohhh” quando ela disse que amava como ficamos próximos. Depois, Min-Kyung levou todos às lágrimas quando contou que fui uma criança adoentada. Que meu pai morreu repentinamente e nos deixou em dificuldades financeiras. Que viemos para a Coreia implorando ajuda para a família dele, e que eles nos viraram as costas. E que eu superei tudo isso para me tornar quem sou hoje. Ela expôs toda a história da minha vida, incluindo detalhes constrangedores, sem o meu consentimento.

Min-Kyung teve uma infância saudável e abastada. Só que essa história não é popular entre os fãs. Então sua nova estratégia é se vincular a mim e usar a minha história para conquistar os corações. Se mostrar como uma garota solidária apaixonada pelo seu coprotagonista é o jeito que ela encontrou de solidificar seu lugar nessa parceria, em nome do nosso futuro. Eu deveria me sentir grato. Deveria estar fascinado com a maestria como ela nos vende e vende a série. Deveria estar anotando tudo, porque é isso o que o estúdio quer de nós.

Em vez disso, fico enjoado. Ela expôs coisas pessoais que não tinha o direito de divulgar, que as pessoas não tinham o direito de saber, e eu só fiquei ali sentado, deixando que cuspsse tudo aquilo.

O médico entra no consultório com minha empresária. Suas expressões sombrias me dizem tudo o que preciso. Não é nada bom. Merda. Meu coração acelera, como sempre faz toda vez que acho que estou com problemas.

— Jin-Suk — o médico fala com uma voz que me deixa instantaneamente nervoso. — Seu tornozelo não está quebrado, o que é uma boa notícia. Trata-se apenas de uma entorse. Você não vai precisar de cirurgia, mas vai ter que usar bota ortopédica, e recomendo no mínimo quatro a seis semanas de repouso para que possa sarar.

Solto um suspiro profundo. Não é tão ruim quanto poderia ter sido, mas não vou mentir: está doendo para caramba.

— Bem, pelo menos você não vai precisar de cirurgia — minha mãe diz.

— Doutor, pode nos deixar a sós por alguns minutos? — Hae-Jin pergunta.

Ele faz que sim e sai, fechando a porta.

Hae-Jin bufa e suas narinas se dilatam feito um touro bravo. Engulo em seco.

— Este é só um dos muitos eventos lamentáveis de hoje — ela diz, com a mandíbula cerrada.

— Por quê? O que mais aconteceu? — pergunto.

— Recebemos uma ligação de um senhor chamado Kim Byung-Woo.

Alguém arqueja atrás de mim. Olho para lá e vejo minha mãe cobrindo a boca com a mão, os olhos arregalados de choque.

— Mãe? — falo.

— Quem é Kim Byung-Woo? — minha irmã pergunta.

— É seu *keun ahbuhji*, o irmão mais velho de seu pai — minha mãe explica.

Não tenho muito carinho pela família do meu pai. Quando ele morreu, eles insistiram que ele deveria ser enterrado na Coreia. Então toda a nossa família teve que vir até aqui, sendo que mal tínhamos dinheiro suficiente para pagar o aluguel. A gente teve que pedir ajuda, algum tipo de apoio, e não recebemos nada deles.

— Por que ele ligou pra empresa? — questiono, com uma voz um pouco desesperada.

— Parece que ele viu a entrevista de hoje. Ele quer explicar o que aconteceu quando seu pai morreu. Está disposto a dar uma entrevista exclusiva... por um valor. A emissora nos procurou primeiro para confirmar sua identidade — Hae-Jin fala.

— E como é que ele vai dar uma entrevista tão reveladora se não sabe nada sobre nós? E ele ainda quer ser pago por isso? — Estou tremendo, e minha voz sai alta demais no consultório pequeno.

Hae-Jin me observa atentamente e depois se vira para a minha mãe.

— Se concordar, a empresa pode cuidar disso.

Cuidar disso. Soa tão sinistro que fico me perguntando como vim parar aqui. Minha vida se tornou um K-drama.

— Isso não é culpa minha. Foi Min-Kyung quem expôs informações pessoais da minha família na entrevista. Eu não pedi pra ela fazer isso. Não sei nem como é que ela sabia dessas coisas.

Estou ferrado. Muito ferrado.

Minha mãe coloca a mão no meu ombro e dá uma apertadinha.

— Ninguém está te culpando, Jacob — ela diz calmamente. — Vamos deixar a empresa cuidar disso.

— Já discutimos e achamos que o melhor que podemos fazer agora é mantê-lo longe dos holofotes por um tempinho. Seu tornozelo machucado é

uma boa desculpa. Vamos cancelar a sessão de fotos em Busan de amanhã e dar um jeito de filmar o último episódio. Depois, vamos soltar um comunicado, e você e sua família vão passar uns meses fora no verão, talvez em Jeju-do. Você não estava reclamando de não poder ir à praia? Vamos dar um jeito no seu parente problemático.

Hae-Jin não está para brincadeira. Ela parece uma mafiosa. *Vamos dar um jeito no seu parente problemático.* Imagino-a sussurrando com uma voz rouca quase sem mover os lábios. Dobro os dedos até o polegar e acerto o ar algumas vezes. *Vamos ser discretos, chefe,* digo na minha cabeça.

Ergo o olhar e vejo que está todo mundo me encarando. Talvez eu tenha falado em voz alta. Obviamente assisti a filmes de máfia demais.

Minha mãe e Jin-Hee dão risadinhas.

Hae-Jin revira os olhos e balança a cabeça.

— Te ligo depois, quando tiver mais informações — ela diz, saindo da sala.

— Bem, algumas semanas de folga não vão fazer mal — minha mãe fala.

— Pra ser sincero, acho que é exatamente do que eu preciso — comento.

— E pra onde nós vamos? Jeju vai estar cheia agora. Uma muvuca — Jin-Hee replica.

— Não, não acho que Jeju seria legal. Nem Busan. Tenho outra ideia — minha mãe declara.

Ela pega o celular, leva-o ao ouvido e sai do consultório. Jin-Hee e eu ficamos nos encarando, confusos.

Posso ouvir a voz alta da minha mãe do lado de fora, mas não consigo entender o que ela está dizendo nem com quem está falando.

— Não ligo pra onde vamos. Mas vai ser divertido não ter fãs gritando por você o tempo todo. Eca. — Jin-Hee franze o nariz.

— Ei, não posso fazer nada se as pessoas me amam.

— Você é péssimo.

— Bem, depois de hoje, as pessoas provavelmente vão me odiar. Fiquei horrível na tela e, nossa, as coisas que Min-Kyung falou na entrevista... — Coloco a mão no rosto e balanço a cabeça, constrangido só de lembrar.

Jin-Hee vira o celular para mim.

— Olha, os comentários até que não são ruins. A maioria das pessoas percebeu que você não parecia bem pela sua expressão. Elas estão mais preocupadas do que irritadas. Quanto ao *ship* MinJin, até agora as opiniões

são conflitantes. Nem todos acham que você e Minky deviam ficar juntos fora das telas. Ela tem... uma reputação.

Levanto uma sobrancelha, pegando o celular. O que é que ela sabe sobre a reputação de Min-Kyung?

— Já não te falei pra nunca ler os comentários?

No entanto, olho para a página que minha irmã abriu e verifico as centenas de comentários que deixaram sobre a entrevista. Algumas pessoas estão empolgadas, pensando que a gente namora na vida real. Tem um monte de *hashtags* com o nome do nosso *ship*. Outras estão falando que sou bom demais para ela, por conta de seus relacionamentos passados. Outras ainda dizem que eu estava com cara de quem tinha chupado um limão azedo.

— Sabe, você poderia resolver tudo isso namorando outra pessoa. O estúdio não teria como te obrigar a namorar Minky se você já tivesse namorada.

— Chega de K-dramas e YouTube pra você, entendido? De onde você tira essas ideias? Não é assim tão simples. O estúdio nunca permitiria isso. Além do mais, como é que vou conhecer alguém, construir uma conexão, fazer brincadeiras espirituosas e desenvolver uma ligação emocional, pra então começar um relacionamento? Não é como se eu interagisse com muitas garotas hoje em dia.

— Nossa, você é mesmo um *bobão*, né? Um verdadeiro romântico — ela diz, balançando a cabeça e revirando os olhos. — A vida real não é um K-drama, *oppa*. Só chame uma garota que você gosta pra sair.

— É, simples assim. — Como se fosse fácil.

— Bem, você podia pelo menos deixar as pessoas pensarem que está interessado em outras garotas, pra que não te obrigassem a namorar Minky. Sério, *oppa*, você deixa eles mandarem demais na sua vida, e isso te faz infeliz. Eles controlam até os seus *logins*. O que é basicamente um convite pra que contem a história que quiserem na internet.

Esfrego o rosto com as mãos, tentando apagar essa conversa. Meu tornozelo lateja e estou morrendo de vontade de comer *hotteok*. Não ligo se o estúdio controla minhas redes sociais. Não é como se eu tivesse algo para postar. Não tenho nem amigos. A verdade ecoa no vazio do meu coração, me lembrando de quão solitário eu sou.

Minha mãe volta com um sorriso imenso no rosto, encerrando a conversa no telefone.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um drama de verão"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).